

A HISTÓRIA DA CAPOEIRA NO CEARÁ NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990 ATRAVÉS DA MEMÓRIA E ORALIDADE

José Olímpio Ferreira Neto (Direito - UNIFOR)
jolimpioneto@hotmail.com
História, Memória e Oralidade

Resumo

Os capoeiristas cearenses se destacam no cenário mundial da Capoeira, mas muito de sua gênese, em *Terras Alencarinas*, está obscura. Essa manifestação cultural é bastante pesquisada em alguns estados brasileiros e em alguns países, porém no estado do Ceará não há uma produção bibliográfica suficiente para a construção de um *corpus* documental substancial. Essa expressão da cultura popular se constitui em um processo cultural em que prevalece a transmissão oral de saberes. A presente pesquisa revisita as memórias, vivências cotidianas e os saberes dos Mestres de capoeira cearenses no intuito de detectar algumas de suas contribuições entre as décadas de 1980 e 1990. Esse estudo terá como *corpus* metodológico duas fontes principais. A primeira, bibliográfica, fundamentada em Campos (2001), Ferreira Neto (2011), Rego (1968), Silva (2010), Soares (2002) e Vieira (1998). A segunda é um estudo de natureza qualitativa, do tipo etnográfico, amparada em Mendes (2010), e com o emprego da técnica da História Oral, fundamentada, sobretudo, em Montenegro (2010). Segundo Queiroz (2011), na década de 1980, só havia dois grupos de capoeira em Fortaleza, a saber, Senzala e Zumbi. Neste apareciam nomes como Espirro Mirim, Geléia, Jean, Soldado, Lula, Ulisses e naquele, figuras como Paulão, Canário, Dingo, Gamela, Araminho, Gurgel. Os quase vinte anos de imersão pessoal nesse universo, possibilitam apontar os mestres Paulão do Ceará e Espirro Mirim como dois nomes de grande referência no Ceará, no Brasil e no exterior, os mesmos figuram nessa pesquisa como sujeitos. O texto final constitui-se em um diálogo entre as informações obtidas nas referências bibliográficas consultadas e o *corpus* documental produzido por meio da história oral da vida dos mestres entrevistados. Seu saber oferece a manutenção viva da memória do conjunto de conhecimentos não formais, não institucionalizados e que compõem e mantêm viva a consciência coletiva ritualística e ancestral dessa prática cultural, remetendo ao entendimento de Le Goff (2003) que constantemente defende a pesquisa da memória do homem comum, das recordações e histórias locais. Concluiu-se, ao final do trabalho, que este é só um de muitos passos que precisam ser dados para que se registre a História da Capoeira do Ceará e suas contribuições.

Palavras-chave: História da Capoeira. Capoeira Cearense. Cultura Oral.

Introdução

Sabe-se que a Capoeira é uma cultura popular nascida com os filhos de escravos africanos em *Terras Brasilis*. Essa manifestação afro-brasileira é ferramenta educacional no Brasil e em diversos países. Os capoeiristas cearenses se destacam no cenário mundial da Capoeira, mas muito de sua gênese, em *Terras Alencarinas*, está obscura. Sabe-se que essa manifestação cultural tem origem incerta, seus primeiros registros acontecem em vários pontos do Brasil, sobretudo, Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro. Mas recentemente tem-se

apontado para a possibilidade de outros estados estarem envolvidos em sua gênese, ainda não é o caso do Ceará, não há registros nesse sentido, apenas meras conjecturas.

Essa manifestação cultural é bastante pesquisada em alguns estados brasileiros e em alguns países, porém no estado do Ceará não há uma produção bibliográfica suficiente para a construção de um *corpus* documental substancial. Essa expressão da cultura popular se constitui em um processo cultural em que prevalece a transmissão oral de saberes. A presente pesquisa se propõe a revisitar as memórias, vivências cotidianas e os saberes dos Mestres de capoeira cearenses no intuito de detectar algumas de suas contribuições entre as décadas de 1980 e 1990.

Esse estudo terá como *corpus* metodológico duas fontes principais. A primeira, bibliográfica, fundamentada em Campos (2001), Ferreira Neto (2011), Rego (1968), Silva (2010), Soares (2002) e Vieira (1998), todos são pesquisadores dessa cultura em diversos ramos dos saberes. A segunda é um estudo de natureza qualitativa, do tipo etnográfico, amparada em Mendes (2010), e com o emprego da técnica da História Oral, fundamentada, sobretudo, em Montenegro (2010).

Segundo Queiroz (2011), na década de 1980, só havia dois grupos de capoeira em Fortaleza, a saber, Senzala e Zumbi. Neste apareciam nomes como Espirro Mirim, Geléia, Jean, Soldado, Lula, Ulisses e naquele, figuras como Paulão, Canário, Dingo, Gamela, Araminho, Gurgel. Os quase vinte anos de imersão pessoal nesse universo, possibilitam apontar os mestres Paulão do Ceará e Espirro Mirim como dois nomes de grande referência no Ceará, no Brasil e no exterior, os mesmos figuram nessa pesquisa como sujeitos. Como ambos estão no exterior, buscar-se-á em seus discípulos e camaradas os depoimentos que descrevem o trajeto deles na colaboração da construção de uma Capoeira vendida no Brasil e exterior. Esses depoimentos serão reforçados com a impressão pessoal com participação intensa na década de 1990 dos Grupos Capoeira Brasil e Cordão de Ouro respectivamente comandado pelos mestres supracitados.

O texto final constitui-se em um diálogo entre as informações obtidas nas referências bibliográficas consultadas e o *corpus* documental produzido por meio da história oral da vida dos mestres entrevistados. Seu saber oferece a manutenção viva da memória do conjunto de conhecimentos não formais, não institucionalizados e que compõem e mantêm viva a consciência coletiva ritualística e ancestral dessa prática cultural, remetendo ao entendimento de Le Goff (2003) que constantemente defende a pesquisa da memória do homem comum, das recordações e histórias locais.

A presente pesquisa se apresenta como parte de um projeto de pesquisa intitulado *Os mestres e as rodas de capoeira nos espaços escolares na cidade de fortaleza: uma análise dessa prática após o registro de patrimônio cultural através das memórias de seus atores* que iniciou no ano de 2011 ao participar de alguns encontros do Núcleo de História e Memória da Educação – NHIME da Faculdade de Educação – FAGED da Universidade Federal do Ceará – UFC, grupo coordenado pelo Professor Pós-Doutor José Gerardo Vasconcelos. A participação ocorreu por convite do Professor Doutor Robson Carlos da Silva, Mestre de Capoeira que tanto estimula a pesquisa acadêmica em torno da Capoeira. O resultado desse artigo é parte inicial dessa pesquisa que se desdobra em outros momentos.

1. Capoeira, uma história marginal contada por anônimos-famosos

A Capoeira foi considerada durante muito tempo uma prática marginal. Rego (1968, p. 291) afirma que a primeira codificação penal brasileira, ou seja, o Código Penal do Império do Brasil, de 1830 traz a figura do capoeira de maneira implícita no capítulo IV intitulado *Dos vadios e mendigos*. O capoeirista, na época, chamado de capoeira, era visto como um marginal, um vadio. Com a Proclamação da República, surge uma nova fase de perseguição a esse sujeito, o Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil de 1890, que lhe deu um tratamento específico no capítulo XII, intitulado *Dos vadios e Capoeiras*.

Na década de trinta um baiano chamado Manoel dos Reis Machado, o famoso Mestre Bimba lança uma proposta de ensino que, mais tarde, tira a prática do rol das atividades proibidas pelo governo, porém para que isso fosse possível, diversos elementos foram agregados a essa cultura de origem negra nascida neste país. A Capoeira Regional guarda influências da cultura militar e acadêmica, elementos pertencentes à cultura do dominante. Cultura de resistência, antes praticada às escondidas em quintais e terreiros, nesse novo contexto passa a figurar em desfiles cívicos, praticada em clubes, quartéis e escolas.

Campos (2001), discípulo de Bimba, conhecido nas rodas como Mestre Xaréu, aponta que a Capoeira chega às escolas com Aristides Pupo Mercês. Ele inicia seus trabalhos com crianças e adolescentes na Escola Tomaz de Aquino, em Salvador, no ano de 1964. Em Fortaleza, a Capoeira adentra nos espaços escolares, segundo Carvalho Filho (1997), no início da década de 1970 com o Mestre Zé Renato. Hoje, percebe-se sua presença em qualquer escola da rede pública de ensino da capital cearense. Aglutina no espaço da Roda, elementos das mais variadas culturas e classes sociais, onde os mesmos se relacionam de forma democrática e livre. Suas cantigas são um forte instrumento de discussão e exposição de uma

leitura social e histórica. Sobre essas, Vieira (1998) aponta que as cantigas possuem três funções, a saber, função ritual, mantenedor das tradições e de constante repensar da história.

Na Roda, quando o capoeirista está no jogo, sua expressão corporal é manifestada de várias formas, para Vasconcelos (2009, p. 15) “É como se o corpo se deslocasse o tempo inteiro em profundo equilíbrio que dança, interpreta, canta, chora, ri [...]”. O mundo se inverte e a figura do oprimido não é mais um sujeito sem importância, ele se reconhece como protagonista de sua história e interfere em sua comunidade deixando a marca de sua passagem, a história deixa de ser construída apenas pelo dominante (BENJAMIN, 1994).

Seu saber oferece a manutenção viva da memória do conjunto de conhecimentos não formais, não institucionalizados e que compõem e mantêm viva a consciência coletiva ritualística e ancestral dessa prática cultural, remetendo ao entendimento de Le Goff (2003) que constantemente defende a pesquisa da memória do homem comum, das recordações e histórias locais.

Entende-se, aqui, a figura do Mestre como um educador, antigamente e ainda hoje, o mestre de capoeira tem um grau de intimidade com o aluno, ele quer saber como está a vida deste. No contato do aprendiz com o mestre de capoeira se desenvolve uma relação de afeto que vai se construindo aos poucos. Abreu *apud* (CASTRO JÚNIOR, 2005p. 150) diz que: “A relação do mestre com o aluno na capoeira é uma relação extremamente importante porque ela é pessoal, e os ensinamentos são transmitidos como se fosse um segredo, com certo grau de intimidade [...] o mestre preocupa-se em está próximo dos alunos”.

O capoeirista nega a realidade do estabelecido e prefere “viver a malandragem e a malícia na trama cotidiana da capoeiragem” (VASCONCELOS, 2009, p. 15). A mandinga, a malícia, as cantigas, a ancestralidade, o aprendizado mimético são alguns dos elementos que negam o *status quo*, negam a história oficial. A Capoeira tem um forte caráter negativo que se opõe ao Estabelecido. A dialética tem como categorial central, a Negação (MARCUSE, 1960). E o que é a Capoeira, senão, a negação daquilo que está posto? Sua essência libertadora, luta desde sua gênese, pela liberdade dentro e fora do universo da roda.

No ano de 2008, a Capoeira é registrada como Patrimônio Imaterial pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Artístico Cultural Nacional. Sobre o Registro, Cunha Filho (2000) afirma que o “Registro é uma ação do Poder Público com a finalidade de identificar, reconhecer e valorizar as manifestações culturais e os lugares onde estas se realizam, os saberes e as formas de expressões dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira [...]”. A Constituição da República Federativa do Brasil, de 05 de outubro de 1988, em seu artigo 216 dispõe o seguinte: “Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza

material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira [...]”. O *caput* continua com mais cinco incisos; no assunto em tela, ressaltam-se, o I e o II, a saber, as formas de expressão; e o modo de criar, fazer e viver.

O instituto do Registro é a expressão do reconhecimento das manifestações culturais. O mesmo estabelece, para o Estado, o compromisso de salvaguardar essas expressões da cultura através de documentação, acompanhamento e apoio. Em 2007, foi publicado o Dossiê intitulado Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil. O citado Dossiê elenca os objetivos para o Plano de Salvaguarda da Capoeira. Propostas para a proteção dessa manifestação cultural.

Os Mestres de capoeira estão presentes nos diversos espaços, formais e não-formais e manifestam a cultura, sobretudo nas Rodas, ambos reconhecidos pelo Estado brasileiro. Esses grandes educadores levam suas memórias de vida. As estradas que essa manifestação afro-brasileira percorre foram construídas recentemente e ainda é alvo de muito preconceito. “A educação informal convida a escuta dos anônimos [...] circunstância que faz da história oral uma escolha quase obrigatória no referido campo de investigação” (RODRIGUES, 2009, p. 438).

A memória preserva a tradição historiográfica e evita deformações e distorções sobre a história dos vencidos ou esquecidos (XAVIER, 2010). Essa pesquisa é desenhada nas bases da memória dos atores dessa manifestação cultural. “A memória, como técnica de investigação científica tem sido largamente utilizada por pesquisadores [...] seja para preencher as lacunas deixadas pela história escrita, ou para encontrar um canal que possibilite o diálogo com o universo simbólico da história recente [...]” (VASCONCELOS, 2010, p. 102). Para conhecer melhor a história dessa manifestação cultural recentemente reconhecida, nada melhor que ouvir a voz dos mestres de capoeira, principais atores dessa cultura. A história que quer se constituir aqui é a do tempo presente, a história dos vivos.

2. Nas trilhas da capoeira cearense

2.1. Desenhando os primeiros passos do Ceará na Capoeira

Apesar dessa pesquisa se concentrar, sobretudo, entre os períodos de 1980 e 1990, nesta parte do texto, pensa-se ser relevante apontar alguns trechos para o registro da história da Capoeira no Ceará. Toma-se como ponto de partida a participação do cearense Cisnando na constituição da Capoeira Regional de Mestre Bimba. Depois se segue para aquele que se acredita ser o precursor da Capoeira cearense, o Mestre Zé Renato.

2.1.1. Um cearense na Regional de Bimba

Não se pode falar de Capoeira do Ceará sem citar um dos grandes contribuidores da Capoeira Regional, Cisnando. Ele era um jovem que foi estudar Medicina na Bahia, pois na época não havia tal curso no Ceará. Lá conheceu Manoel dos Reis Machado, o famoso Mestre Bimba, criador da Capoeira Regional. No documentário Mestre Bimba: A Capoeira Iluminada de 2007, o Mestre de Capoeira, Doutor Decânio fala sobre Cisnando e o início da Capoeira Regional. Referindo-se a história da Capoeira de Bimba, ele diz: “A história começa para mim, quando Cisnando chega na Bahia. Ele corre aos capoeiristas, só encontrou um que ele respeitou, que era um negão, que era carvoeiro na Liberdade, que era Bimba” (*sic*).

Como se pode ver através da fala acima, Cisnando foi atrás de Bimba em seu trabalho. O Mestre o rejeitou a princípio, dizendo que o mesmo era um branco e não poderia aprender Capoeira. Mas o cearense, insistente, disse que havia praticado outras artes e gostaria de aprender aquela arte afro-brasileira. Bimba o submeteu ao seu exame com uma gravata, um golpe muito conhecido no meio das artes marciais, tendo suportado bem, Cisnando começou a treinar e trouxe diversos universitários para um espaço, ocupado sobretudo pelos trabalhadores.

Começa aí, então, a formação de uma capoeira acadêmica, formada a partir de um movimento dialético entre a Capoeira primitiva, entendidas por muitos como Angola e do Sistema Estabelecido na Época. A Capoeira de Bimba manteve e cancelou elementos de ambos, absorvendo, sobretudo, um caráter academicista e militarista das elites e o batuque e movimentos de capoeira oriundos das manifestações espontâneas de origem afro-brasileira. Em suma, Cisnando foi um capoeirista que contribuiu para a história da Capoeira, mas infelizmente não desenvolveu trabalho no Ceará e até onde se sabe não formou discípulos.

2.1.2. A História do Mestre Zé Renato contada em cordel

Em 1997, foi publicada em Fortaleza, a história do Mestre Zé Renato através de um cordel de autoria de José Bento de Carvalho Filho, vulgo Zelito. O referido autor conta através de versos a história do Mestre Zé Renato, relatada pelo mesmo e confirmada pelos capoeiristas e alunos que conhece tão admirável nome que inicia a caminhada da Capoeira na *Terra da Luz*.

Carvalho Filho (1997) afirma ainda na pequena apresentação que “[...] na história da capoeira cearense existem outros nomes igualmente importantes [...]” durante seus versos ele cita outros nomes que contribuíram para o desenvolvimento da Capoeira no Ceará, os mesmos serão citados mais na frente. Quanto à história do Mestre Zé Renato, o autor supracitado diz em seu cordel que:

Em vinte e quatro de maio,

De cinqüenta e um nasceu,
Em Crateús e cresceu
Na arte fazendo ensaio,
Para brilhar como um raio,
O artista Zé Renato;
Mestre em artesanato
E também em capoeira,
Essa luta brasileira
Feita por negros no mato (CARVALHO FILHO, 1997, p. 1).

Em seus versos Carvalho Filho (1997) conta que um militar que chegara a cidade vinha da Bahia e trazia consigo a arte da capoeira. O Mestre muito curioso fazia perguntas sobre a cidade do baiano, encantara-se com a ginga e com a habilidade do mesmo.

Depois de terminado o primeiro grau, atual ensino fundamental, o Mestre inicia suas viagens pelo mundo da Capoeira, vai para a Bahia e conhece o famoso Mestre Bimba. Mestre Zé Renato terminou o Segundo Grau, atual Ensino Médio, em Ilhéus, onde jogava Angola na praia. Todo final de semana estava em Salvador para jogar na capital. Em 1967, retorna à sua terra natal. Mas com seu espírito inquieto, vai ao Rio de Janeiro, onde treinou com Mestre Leopoldina, grande nome da capoeira carioca.

Três vezes por semana
Treinava a capoeira
Pra não ficar de bobeira
No tédio da vida urbana,
Bebendo, gastando grana,
Porque isso leva à ruína
E a massa discrimina.
O que lhe dava alegria
Era os treinos da academia
De Mestre Leopoldina
(*Idem*, p. 8).

Passou quase cinco anos no Rio e voltou para o Ceará, fez Escola Técnica em Fortaleza e em 1971 foi ao Maranhão. Treinou bastante por lá e voltou em 1972. Ano em que começou o processo de implantação da capoeira no Estado. Ensinou nas Escolas Oliveira Paiva e Castelo Branco. Apresentou-se na TV, divulgando a cultura afro-brasileira. Teve como primeiro aluno Demóstenes. O Mestre falou sobre seus alunos para o cordelista e o mesmo transcreveu para seus versos da seguinte forma:

Devem ser também lembrados,
Por serem co-fundadores
E todos divulgadores [...]
São eles Jorge Negão,
Everaldo e João Baiano, [...]
Do Márcio ele se lembrou,
Também de Sérgio e Zé Ivan, [...]
De George me falou. [...]

De Juarez e Datim; [...]
O nome de Antônio Luiz (*Ibidem*, p. 13-16).

Esses são citados como capoeiras da velha guarda. O mestre também foi à Brasília, onde ensinou e fundou o Grupo Xangô, deixando lá o Mestre Bartô. Fundou, ainda, o Grupo Alma Negra. Quando na década de 1990, encerra sua carreira de capoeirista, deixando saudade em seus discípulos. Tendo citado como últimos discípulos dois nomes, a saber, Januário e Pão.

Hoje, o Mestre Zé Renato retorna as rodas de Capoeira, constantemente vai aos eventos que é convidado. Ele leva além de sua presença um pouco de sua experiência através das conversas que narram sua trajetória de desbravador de novas terras para Capoeira.

2.1.3. A contribuição de outros Mestres

Além do Mestre Zé Renato outro mestre que contribuiu para o início do desenvolvimento da Capoeira cearense foi o Mestre Esquisito. Ele trouxe o estilo Regional ao Estado (CARVALHO FILHO, 1997). Onde tem atualmente o Grupo Terreiro que contou em seu elenco com os saudosos Mestres Soldado e Samurai. Este último deu uma contribuição para o ingresso na Capoeira no meio acadêmico.

A Associação Zumbi do Mestre Everaldo tem entre seus Mestres associados, Lula, Ulisses, Júnior, Jean, Geléia e Wladimir (CARVALHO FILHO, 1997). Este último mora no exterior, divulgando a capoeira do Ceará. O Mestre Lula atua na Prefeitura de Fortaleza ajudando capoeiristas, de qualquer grupo, a desenvolverem projetos na cidade. O Mestre Ulisses atua no Centro Social do Bairro Henrique Jorge. Os demais também dão sua contribuição através de aulas e rodas.

2.2. No Ceará tem Capoeira

Segundo o Dossiê do IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, a Capoeira tem origem remota e controversa, sendo apontado, o Rio de Janeiro, a Bahia e Pernambuco como principais celeiros do seu desenvolvimento. Cada Estado possui suas peculiaridades no modo de fazer a Capoeira acontecer. A partir do momento em que a Capoeira adentra em solo cearense absorve aspectos da região e desenvolve-se uma atividade com as características inerentes ao seu povo.

O IOV – Ceará, *Internationale Organisation für Volkskunst*/Organização Internacional de Folclore e Artes Populares, promoveu nos dias 18 e 19 de março de 2011 o I Fórum de Folclore e Artes Populares na cidade de Fortaleza. O primeiro tema do dia 19 foi exposto pela palestrante Professora Maria de Lourdes Macena (2011), conhecida como Lourdinha com

larga experiência de mais de 30 anos de magistério. O título era *Valorização dos grupos folclóricos, dos artesãos e artistas populares cearenses na divulgação turística*.

A respeitada professora inicia sua fala chamando atenção para o conhecimento das próprias manifestações culturais e para a valorização das mesmas. Expõe a diferença entre turismo cultural e turismo massivo dentre outros pontos relevantes ao tema de sua palestra. Mais à frente, a professora elenca o que ela denomina de “furadas turísticas” e coloca a Capoeira figurando nessa lista, assim como o Carnaval fora de época, o Fortal, os *Resorts* etc. Afirma que quando se apresenta um grupo de Capoeira, divulga-se a Bahia e não o Ceará.

Em verdade, pensa-se a Capoeira como sendo baiana, talvez pela divulgação da Capoeira que se tem hoje ter sido realizada em grande parte por mestres baianos. Porém, como já foi supracitado, o próprio Dossiê realizado pelo IPHAN não a reconhece como prática oriunda da Bahia e o Governo Federal a reconhece como Patrimônio Imaterial do Brasil. Também é verdade que a Capoeira desenvolvida no Ceará é muito jovem. Poucas ou quase nenhuma cantiga de Capoeira faz referência ao Ceará, mesmo já havendo uma produção cearense divulgada fora do Estado.

Dizer que a Capoeira, praticada aqui, é da Bahia é um ledor engano, ou melhor, desconhecimento do assunto. Até porque, existem grupos oriundos do Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, etc e que trazem inúmeras características desses Estados. Em qualquer bairro da cidade de Fortaleza percebe-se essa manifestação cultural como prática em ambientes fechados ou em praça pública. Essa cultura que é desenvolvida no Estado é bastante conhecida no exterior por ser uma capoeira solta, estilizada e cheia de floreios.

2.3. A capoeira do floreio

A Capoeira cearense é uma prática cultural, onde a luta e o espetáculo se misturam. Fortaleza, cidade praiana, é um cenário ideal para a prática de acrobacias que são aprendidas sem técnicas específicas nas praias aos domingos ou nos campos de futebol da cidade.

Os movimentos acrobáticos, ou floreios, como são chamados pelos capoeiristas são utilizados para transformar o jogo em um espetáculo aos olhos de quem o vê. São movimentos de equilíbrio e flexibilidade como saltos, bananeiras e giros onde o capoeirista desafia seus limites corporais mostrando uma imensa capacidade sinestésico-corporal. O capoeirista executa esses movimentos também na intenção de enganar o outro jogador e de se movimentar de um lado para o outro da roda.

Para Areias (1998, p. 92) “É saltando, contorcendo-se e equilibrando o seu corpo nas posições mais difíceis e imagináveis que o capoeirista se sente grande, liberto e ao mesmo tempo uma criança peralta [...]”. O desafio aos limites do seu corpo é o grande atrativo nos

movimentos acrobáticos. Tais movimentos, quando realizados por adultos os fazem lembrar de quando eram crianças, e para as crianças é o lúdico na prática da atividade, é um dos principais atrativos para elas.

Esses movimentos se originam na ginga que é a movimentação do corpo de um lado para o outro, onde uma perna fica atrás e a outra na frente trocando constantemente de posição, ambas flexionadas; os braços também em flexão, um na altura do queixo, o outro ao lado do corpo também trocam a posição; e o tronco levemente inclinado para frente completa o movimento. Esse é, sem dúvida, o movimento mais utilizado dentro das rodas, além de ser ponto de partida para a execução dos floreios é também, para os movimentos de ataque e defesa. Para Areias (1998, p. 90) os movimentos de ataque e defesa se confundem, um ataque pode ser uma defesa e vice-versa:

O capoeirista nunca apara um ataque adversário para em seguida atacá-lo; ele tira o seu corpo da mira do ataque, agachando-se ou esquivando-se, porém simultaneamente atacando. É por isso que a Capoeira não se caracteriza como sendo uma luta de defesa ou de ataque, e sim as duas coisas ao mesmo tempo, o que a diferencia de todas as outras lutas. O que existe, porém, é que alguns movimentos se caracterizam mais como defesa e outros como ataques.

O floreio, nesse contexto, é um terceiro elemento, pois além de embelezar o jogo pode funcionar como um movimento de ataque ou defesa. Tal característica é muito presente na Capoeira praticada no Ceará, conhecida em todo mundo pela sua movimentação acrobática e espontânea na realização dos movimentos com plasticidade e espontaneidade.

3. O caminho metodológico dessa pesquisa: A Etnografia, a Memória e a História Oral

A chamada História Nova está mais interessada na cultura e nos aspectos sociais, conferindo menos importância às grandes personagens e acontecimentos singulares. Ela se interessa mais pelos costumes e pelos protagonistas anônimos (RODRIGUES, 2009). Quando se estuda a História, as veredas são amplas e variadas. É tarefa infrutífera tentar contemplar um longo período e um grande espaço. O estudo que se realiza, aqui, refere-se às ações educativas e de uma cultura específica utilizando, sobretudo, a experiência humana dos sujeitos envolvidos nessa prática cultural.

Como já foi supramencionada, essa pesquisa terá como corpus metodológico duas fontes principais. A primeira, bibliográfica, buscada na literatura existente sobre Capoeira, desenhada por jogadores-estudiosos (CAMPOS, 2001), além de pesquisadores das áreas de história, sociologia, direito, filosofia, antropologia e educação. Essa expressão da cultura

popular se constitui em um processo cultural em que prevalece a transmissão oral de saberes. A Capoeira já é bastante pesquisada em alguns Estados brasileiros, inclusive no exterior, porém no Estado do Ceará não há uma produção bibliográfica suficiente para a construção de um corpus documental substancial. Na segunda parte da pesquisa, o estudo terá natureza qualitativa e do tipo etnográfico com o emprego da técnica da História Oral, neste o pesquisador e pesquisado se envolvem de forma integral, com relações diretas, considera-se as relações, os saberes e os valores dos entrevistados em sua própria experiência.

Será construído um *corpus* documental através do uso da metodologia da História Oral, fruto de entrevistas realizadas com mestres e alunos, discípulos dos Mestres sujeitos da pesquisa, utilizando-se, por se tratar do campo educacional, a categorias da memória. Para uma abordagem no campo da educação informal. Rodrigues (2009, p. 437) aponta que “[...] abre-se um largo espaço ao estudo da micro-história, às contribuições dos anônimos, oportunidade em que se trazem à colação da pesquisa a memória dos sujeitos participantes daquilo que se investiga [...]”.

No início da entrevista serão esclarecidos para os entrevistados os objetivos da pesquisa que se apresenta. E solicitado por escrito a permissão para a divulgação da mesma. Sabe-se conforme Montenegro (2010) que nem todos têm capacidade narradora, alguns são mais desenvolvidos que os outros nesse aspecto. É certo que a fala do entrevistado deve ser bastante respeitada, pois o entrevistado não tem o dever, nem obrigação de atender a quaisquer expectativas do entrevistador. E quando se apresentar suas memórias cabe a ele, a escolha da divulgação ou não do material.

No método etnográfico com abordagem qualitativa, os dados, as informações e os depoimentos precisam de interpretação. A pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados obtidos no contato do pesquisador com a situação estudada procurando enfatizar a perspectiva dos participantes. (MENDES, 2010). “No movimento de análise das fontes orais é que o historiador percebe as construções e desconstruções de seu objeto pesquisado” (XAVIER, 2010, p. 126). O estudo privilegia as fontes orais, pois tem o desejo de valorizar “os atores sociais como indivíduos sujeitos-agentes de sua própria história” (XAVIER, 2010, p. 124), mas não abandona outros instrumentos como as fontes escritas e visuais.

Será utilizada como instrumento de coleta dos dados da pesquisa a entrevista, com o predomínio de questões abertas em que os entrevistados possam se posicionar de forma livre, com o emprego do gravador e registros em fotos, filmes e diários de campo. Serão entrevistados, como foi dito acima, mestres de capoeira que desenvolvem ou supervisionam

trabalhos em escolas públicas, contribuindo com os relatos de suas histórias de vida para a construção do corpus documental a ser trabalhado na pesquisa.

Os dados coletados através das entrevistas com os mestres serão transcritos e textualizados para a construção do texto final. Neste, o pesquisador, efetivará um diálogo envolvendo as concepções coletadas nas práticas reais observadas e registradas, com as informações obtidas nas referências bibliográficas consultadas, assim como com o corpus documental produzido por meio da história oral da vida dos mestres consultados.

4. Paulão do Ceará, Espirro Mirim, seus discípulos e o mundo

O cordelista Carvalho Filho (1997) não deixa de citar também o Mestre Paulão do Ceará que na década de oitenta divulgou bastante a Capoeira no Estado, indo para o exterior no início dos anos 1990. Ele teve discípulos como os mestres: Ratto, Zebrinha, Ferrim, Pica-pau, Envergado, dentre outros que formaram seus grupos. E outros como Kim, Cibriba, Marcão, Juruna que continuam a divulgar a Capoeira do estado no Brasil e no Exterior.

Outro nome que é destaque mundial é o Mestre Espirro Mirim. Ele iniciou na Capoeira em 1979, com o Mestre Everaldo do Grupo Favela que, mais tarde, mudou o nome para Grupo Zumbi. Em uma matéria de uma revista especializada em Capoeira o Mestre Mirim (2001, p. 25) diz o seguinte: “Em 1984, fui formado pelo Mestre Everaldo, porém eu não parei de treinar [...] resolvi viajar para o Rio de Janeiro [...] onde treinei no grupo Palmares com os Mestres Branco e Gomes”. Lá quiseram colocá-lo para dar aulas, mas ele queria aprender mais, então foi para São Paulo, onde se identificou com o Mestre Suassuna com o qual está até hoje.

Em 1988, Espirro Mirim formou-se professor pelo Grupo Cordão de Ouro, ano em que trouxe o grupo para Fortaleza e começou seu trabalho. Em 1991, ele recebeu o título de Mestre, depois de pouco mais de uma década de treino.

O Mestre Espirro Mirim inicia sua carreira internacional em 1992 quando vai para São Francisco nos EUA, através do Mestre Caveirinha, para ministrar cursos para os americanos, retornando diversas vezes. Em 1996, foi para Israel também através do Mestre Caveirinha. Realiza seu primeiro encontro internacional em 1999 trazendo diversos nomes da Capoeira mundial como o Mestre Caveirinha e o capoeirista e ator César Carneiro que trabalhou no filme *Desafio Mortal*, ao lado de Van Damme; e *Esporte Sangrento*, ao lado de Mark Decassos.

Na década de 1990, a Capoeira do Ceará ganha o mundo, rompe as fronteiras nacionais e parte para o exterior. Muitos capoeiristas cearenses estão morando em outros países,

principalmente nos países da Europa e nos Estados Unidos, levando a cultura brasileira a outros povos. Dentre esses atores, pode-se citar Pica-Pau, Araminho, Paulão do Ceará, Espirro Mirim, Biscuim, Cibriba, Juruna, Caboclinho, Amapá, Chitãozinho, Zangado, Vladimir, todos, mestres de capoeira com mais de vinte anos de prática.

O primeiro a desembarcar em terras estrangeiras foi o Pica-pau, que na época não carregava o título de mestre, ele foi através de um grupo folclórico, assim como outros pelo Brasil, como os pioneiros Jelon e Amém, este último, foi ator em muitos filmes norte-americanos. Em seguida foi o irmão do Pica-pau, o Araminho e o mestre dos mesmos na época, o Paulão do Ceará.

Depois que o Paulão do Ceará se instalou na Holanda, diversos outros capoeiristas de seu grupo, o Capoeira Brasil, foram à Europa. Um grande capoeirista que viajou muito na década de 1990, citado acima, foi o Mestre Espirro Mirim, do Grupo Cordão de Ouro, que hoje mora no exterior, levando também, diversos de seus alunos.

4.1. O trabalho de dois discípulos

Aponta-se aqui o destaque para dois discípulos dos mestres Paulão e Espirro, a saber, respectivamente, os mestres Ratto e Chitãozinho. Os mesmos não foram escolhidos pelo critério mérito, mas tão somente pela convivência mais próxima. Com este há a convivência e a relação de mestre-discípulo e com aquele a oportunidade de proferir palestras em alguns de seus eventos. Ambos têm oferecido sua contribuição para um perfil que se assenta no mundo da capoeira, o de jogador-estudioso, termo cunhado por Campos (2001) que se refere à ruptura dos limites do jogo corporal estendendo para o jogo intelectual, segundo o mesmo o capoeirista de hoje é um “jogador-estudioso”, ou seja, “[...] aquele que pratica a Capoeira e, ao mesmo tempo se interessa pela pesquisa, aprofundando e produzindo conhecimentos históricos, técnicos e antropológicos”.

Robério de Queiroz, conhecido como Mestre Ratto, fundou o Centro Cultural Água de Beber. O mesmo atua através desse centro cultural composto por vários alunos em diversas frentes da capoeira. Ofereceu um curso de Capacitação e Formação de Profissionais de Capoeira com certificado emitido pela UFC, em 2009 e no mesmo ano a segunda etapa do curso, dessa vez com apoio da Faculdade Católica, Governo Federal e Banco do Nordeste.

O Mestre Chitãozinho, por sua vez, fundou o Grupo Negaça Capoeira, publicou quatro livros, oferecendo uma contribuição bibliográfica ao mundo da capoeira e em especial ao estado cearense. Seu primeiro livro foi *Capoeira sob uma nova visão*, seguido de *O ABC da Capoeira*, *Consciência Capoeirística* e *A morte de Besouro*. Todos produzidos por sua iniciativa pessoal sem grande apoio.

Considerações finais

Concluiu-se, ao final do trabalho, que este é só um de muitos passos que precisam ser dados para que se registre a História da Capoeira do Ceará e suas contribuições. O curto texto não comporta a dimensão da pesquisa proposta. O que se desenhou aqui foram só linhas gerais do caminho que será trilhado nos próximos meses. A coleta da entrevista oral com os citados mestres, ou melhor, com os discípulos dos mesmos não pôde ser concretizada. Como foi mencionado, há um trabalho muito intenso por outros estados e países. Eles sempre estão com viagens marcadas ou eventos, o que dificultou o encontro.

As entrevistas não se iniciaram, os poucos depoimentos foram colhidos de sites e de conversas informais, nas popoeiras, nos discursos proferidos em rodas através da escuta dentro da imersão pessoal na prática cultural em estudo. Algumas das informações foram deixadas no anonimato para não comprometer a pesquisa, outras são impressões do pesquisador. Espera-se que este seja o despertar de muitos escritos sobre o tema. Os capoeiristas e pesquisadores precisam escrever e documentar para que se tenha um material de registro da citada prática cultural.

Referências Bibliográficas

- AREIAS, Anande das. **O que é Capoeira?** 4ªed, São Paulo, SP: Editora Tribo, 1998.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Coleção Saraiva de legislação. 35. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.
- BRASIL. Ministério da Cultura. **Dossiê: Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil.** Brasília: IPHAN, 2007.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. *In: Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política.* Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.222-233.
- CAMPOS, Hélio. **Capoeira na Universidade: uma trajetória de resistência.** Salvador: EDUFBA, 2001.
- CUNHA FILHO, Francisco Humberto. **Direitos Culturais como direitos fundamentais no ordenamento jurídico brasileiro.** Brasília: Brasília Jurídica, 2000.
- CASTRO JÚNIOR, Luis Vitor. **Capoeira Angola: olhares e toques cruzados entre historicidade e ancestralidade.** *In: Revista Brasileira Ciência Esporte.* Campinas, v. 25, n. 2, p. 143-158, jan. 2004.
- CARVALHO FILHO, José Bento de. **Capoeira: a história do Mestre Zé Renato.** Literatura de cordel. Fortaleza – CE, 1997.
- FERREIRA NETO, José Olímpio. **Cantigas de capoeira: roda, ritual e suas contribuições para aprendizagem e formação.** *In: VASCONCELOS, José Gerardo [et al.] (org.). I*

Simpósio PET – Pedagogia da UFC: **O pensamento pedagógico hoje**; Eixo: Educação e Movimentos Sociais. CD-ROM. Fortaleza – CE: IMPRECE editora, 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão [et al.]. Campinas: Unicamp, 2003.

MACENA, Maria de Lourdes. **Valorização dos grupos folclóricos, dos artesãos e artistas populares cearenses na divulgação turística**. In I Fórum IOV Ceará de Folclore e Artes Populares. Fortaleza – CE. 2011.

MARCUSE, Herbert. **Sobre a dialética**. Tradução de Alberto Dias Gadanha do texto, A note on dialectic In: MARCUSE, Herbert. Reason and Revolution – Hegel and the rise of social theory, Boston: Beacon Press, 1960.

MESTRE BIMBA – A Capoeira Iluminada. Direção de Luiz Fernando Goulart; Lumem Produções; 2007. 78Min.

MENDES, Eluziane Gonzaga. **A etnografia como trilha metodológica**. In: VASCONCELOS, José Gerardo [et al.] (org.). **História da Educação**: nas trilhas da pesquisa. Fortaleza: UFC, 2010. p. 192-205.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

QUEIROZ, Robério. **Mestre Ratto**. Disponível em: <<http://ecab.org.br/principal.php?pagina=ratto>> acessado em 30/05/2011.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola: Ensaio Sócio-Etnográfico**. s/ed., Salvador, BA: Editora Itapuã, 1968.

RODRIGUES, Rui Martinho. **História, fontes e caminhos da educação e da cultura**. In: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia [et al.] (org.). **Escolas e culturas**: políticas, tempos e territórios educacionais. Fortaleza: Edições UFC, 2009. p.422-441.

SILVA, Robson Carlos. **Roda de Rua**: notas etnográficas a respeito do jogo da capoeira enquanto fenômeno sociocultural urbano. In: **Revista Educação em debate**. Fortaleza, programa de Pós-graduação em Educação Brasileira – FAGED/UFC. V. 1, nº 59, ano 32, semestral. 2010. p. 11-24.

VASCONCELOS, José Gerardo. **A história recente e o uso da memória na pesquisa**. In: VASCONCELOS, José Gerardo [et al.] (org.). **Fontes, métodos e registros para a história da educação**. Fortaleza: Edições UFC, 2010. 102-117.

_____. **Besouro cordão de ouro**: o capoeira justiceiro. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

VIEIRA, Luiz Renato. **O Jogo da Capoeira Corpo e Cultura Popular no Brasil**. 2ª ed., Rio de Janeiro, RJ: Sprint, 1998.

XAVIER, Antônio Roberto. **Fonte escrita, fonte oral e memória**: a importância destes recursos na construção histórica. In: VASCONCELOS, José Gerardo [et al.] (org.). **História da Educação**: nas trilhas da pesquisa. Fortaleza: UFC, 2010. p. 119-133.